



Recebe-se artigos e desenhos dirigidos á redacção do «Cabrião» no escriptorio da rua da Imperatriz n. 20. onde assigna-se e vende-se este jornal. O escriptorio está aberto aos Domingos, 2.^{as} e 5.^{as} feiras.

ANNO I.
N. 18
Publica-se aos domingos.

	PARA A CAPITAL.	PARA A PROVINCIA.
Trimestre . . .	55000	Trimestre . . . 65000
Semestre . . .	95000	Semestre . . . 115000
Anno . . .	175000	Anno . . . 195000
Avulsos 500 rs.—Pagamento adiantado.		



Eu cá não metto-me em folias. Respeito muito aquellas piuvas. Vendo-as, mas não gasto. Queira Deos que o Patrão que por lá anda feito bobo, não soffra alguma investigação anatomica no costado. Deos louvalo, meu partido é o cobre; voto por aquelle que me der mais á ganhar. Isto faz muita gente boa. A época não está para grugas. O dito, dito. Cautela e caldo de galinha nunca fez mal á ni

CABRIÃO.

SÃO PAULO 3 DE FEVEREIRO DE 1867.

As urnas eleitoraes estão abertas para que o povo brasileiro venha depositar n'ellas o signal de sua vontade soberana.

O Brasil inteiro é um como scenario.

O que é que representa-se? é um drama ou uma comedia?

O povo é um dos actores. O outro é o governo E' uma representação á dous personagens.

A peça dramatica nem é nova, nem vai á scena pela primeira vez

Ha quasi meio seculo que foi escripta, ensaiada e offerecida á publicidade, como uma das mais importantes do repertorio constitucional.

Seu titulo é—a soberania do povo em acção.

Os aulicos palacianos, os jezuitas adoradores da soberania do rei por direito Divino, os concundas apologistas do «arrocho» que elles denominam—ordem, e do «absolutismo governamental» que elles denominam—prestigio ao principio da autoridade, e quejandos papões que vivem á custa de taes idéas e somente por taes idéas, criticando a referida peça dramatica, chamam-na por irrizão—reinado burlesco da canalha!

Fazem como os pharizeus, que, por ironia e mordacidade, appellidaram ao Christo—Rex Judeorum, depois de ter-lhe atado as mãos democraticas com que pretendia erguer o povo de Israel á altura dos destinos da humanidade.

A representação é, pois, um drama solemne, ou uma comedia ridicula, segundo a feição dos actores.

Se o povo quer ter inteira e plena consciencia de seus direitos e sua força perante as urnas, e ahi fazer valer idéas—e somente idéas; o acto é uma verdade séria e real.

Se, porém, comparece no scenario eleitoral, arrastado por mesquinhas coadescendencias, por calculos pessoases, sem que um principio lhe illumine a alma; então o drama é uma ficção burlesca; uma farça estulta, abjecta, digna de assovios.

A força do povo está na idéa e na vontade.

A solemnidade de seus actos está na consciencia dos direitos que exerce.

O grandiozo da soberania está na sua inteireza.

A sua efficacia está no exercicio esclarecido e completo.

Os paulistas não são dos menos adiantados no caminho destas grandes idéas.

A terra que pizam é a terra santificada pelas tradições do heroismo popular.

O santo tirocinio do exercicio de seus direitos por amor do Direito e do Justo é a sua escola.

Os paulistas nunca foram e nunca serão equiparados á um paciente e humilde rebanho de carneiros.

A luz das liberdades constitucionaes illumina e guia seus passos.

Quem tiver presentes estas reflexões deve esperar que o dia popular, o dia do voto nacional hade ser mantido por elles na devida altura; e que o drama eleitoral hade ser um acto solemne, forte e grandiozo.

E' o que dezejam todos os que amam as instituições livres erguidas no seio de um povo livre.

E' o que dezejam os inimigos dos tartufos, dos especuladores, dos mashorqueiros politicos, dos zangões sociaes, dos que pretendem cegar o povo para melhor tosquial-o.

E' o que dezeja o «Cabrião», amigo dedicado e fanatico do Direito, do Justo e da Soberania nacional

A's urnas, paulistas! Seja a liberdade a vossa bandeira! a consciencia a vossa força! e a independencia o vosso manto de povo—soberano!

Instrucções Secretas dos Padres da Companhia de Jezus.

CAPITULO 4.º

DO QUE SE DEVE RECOMMENDAR AOS PRÉGADORES, E CONFESSORES DE PRINCIPES E GRANDES DA REPUBLICA.

Dirigiráo os nossos as consciencias dos Principes e outros varões illustres, de modo, que se entenda que só caminham á maior gloria de Deos, e á segurança dos Principes; para mais lhe agradarem, não procu-

rem logo a direcção do governo politico externo, se não pouco e insensivelmente, pelo que se lhes hade repetir muitas vezes : que a distribuição dos bens e dignidades da Republica pertence á Justiça, e que peçam gravemente aos Principes, se contra elles julgam, e obram como apaixonados.

Protestem á miudo e com severidade, que se não querem introduzir nos negocios da Republica ; mas que dizem isto, forçados pela razão de seu officio ; logo que esta doutrina se houver radicado bem nos animos, expliquem com que virtudes hão de estar adornados, os que hão de ser promovidos ás dignidades, e aos officios publicos. Finalmente serão nomeados e recommendados por nós aquelles, que com animo sincero são amigos da Companhia, isto não se fará immediatamente pelos nossos, se não é que os Principes nos obriguem á isso ; e terá muita graça, se os amigos e familiares forem os que se promovam.

Acerca do qual se informem os nossos Confessores e Prégadores. dos amigos que são aptos para qualquer emprego, principalmente d'aquelles que são generosos com a Companhia e tenham os nomes destes com sigilo e os ensinem aos Principes a seu tempo, com destreza, tanto por si, como por seus amigos. Tambem os Confessores e Prégadores tratem em se portarem com os Principes com muita suavidade e brandura, e de nenhum modo se desavenham com elles, nas conversações particulares, tirem-lhes todos os temores, exhortando-os á que vão bem fundados na esperança, fé, justiça e politica.

Raras vezes aceitem os nossos para seu uso, particulares dons pequenos ; o que devem fazer é, recommendar a necessidade commum da Provincia, ou Collegio. Em casa tenham seu cubiculo sem muito adorno, nem se vistam com nimia curiosidade. Acudam com promptidão á ajudar á consolar as pessoas mais enfermas do Palacio, ponham todo o cuidado em que á elles succedam, os que são amigos da Companhia, e muito mais quando o regimen não for direito ; pelo que como já fica dito, não se mostrem empenhados no publico, se não por via de amigos fieis e poderosos, que poderão fazer frente á inveja, se acaso disto se originar.

(Continúa).

Gazetilha.

ARTISTAS DRAMATICOS.—Chegaram da côrte dous distinctos artistas dramaticos—D. Adelaide Amaral e Pedro Joaquim.

Vieram para tomar parte nos espectaculos do theatro de S. José.

Amigo devotado de todos os bons artistas, sincero apreciador da arte dramatica, o «Cabrião dá esta nova á seus leitores com verdadeiro prazer.

Queira a estrella providencial do barracão de S. José, que sejam elles contractados para fazer parte da companhia dramatica paulistana.

Será esse facto o penhor da reabertura do theatro com espectaculos regulares e dignos da concurrencia publica.

O «Cabrião» saúda á distincta e considerada actriz, tantas vezes victoriada em sua carreira dramatica, e respeitosamente curva-se ante o brilho da duplice côrta que cinge-lhe a fronte—a da mulher e a do talento.

Ao bom actor Pedro Joaquim aperta cordialmente as mãos em signal de consideração e affecto.

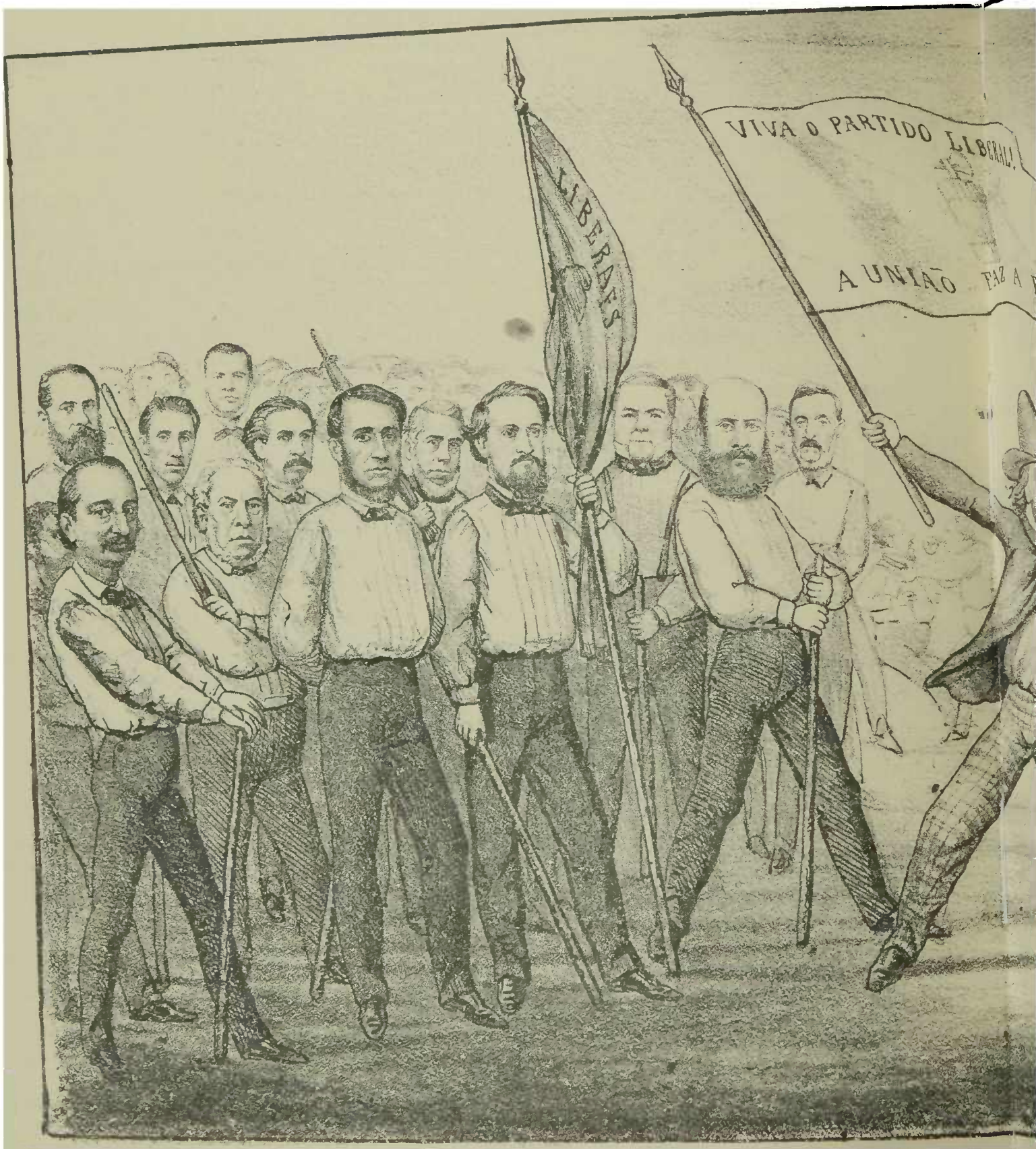
HOMENS PARA A GUERRA.—A camara municipal e a policia combinaram-se ultimamente no proposito de crear e executar posturas que prohibam aos cocheiros de carros e tilburys de aluguel o uzo velho e invectrado de occupar animaes chucros e bravios na condução dos incautos alugadores de taes vehiculos.

A municipalidade e a policia calculam que esta medida (aliás muito simples e muito velha nos paizes civilizados) hade diminuir extraordinariamente os dezastrs provenientes de corcovos, tombos e couces ; e que diminuindo na mesma proporção a mortalidade dos habitantes da capital, ipso facto hade augmentar-se o numero de braços para a guerra.

Ora, tão justo fim não pode deixar de dar ás alludidas medidas um character verdadeiramente patriótico e digno de luminarias, se não eternas, ao menos por tres dias.

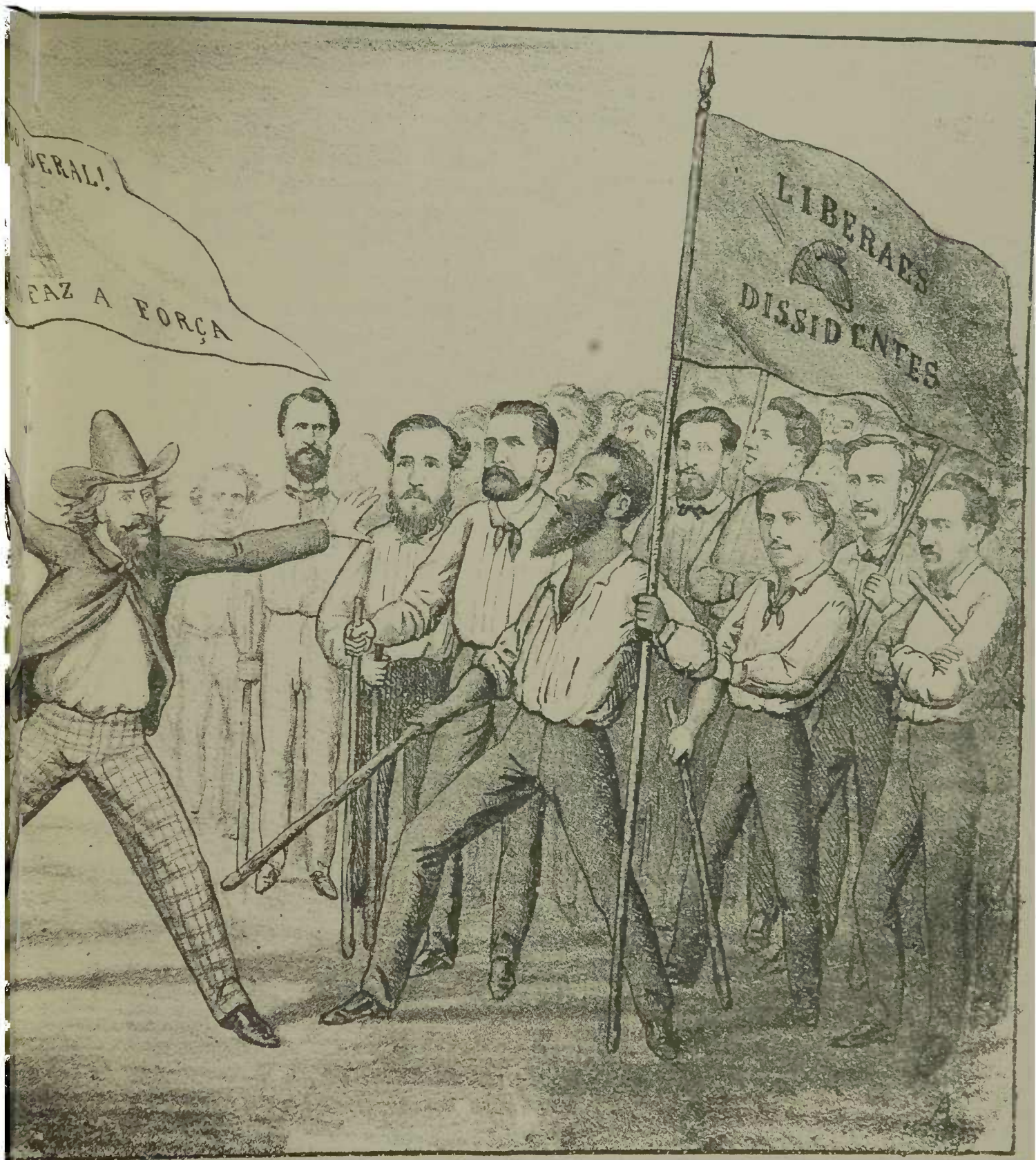
PROFECIA.—O «Diario de S. Paulo», de 29 do mhez findo, declarou e fez sciente á seus leitores—que a guerra Paraguaya vai a findar-se !

Affiança a cousa sob a responsabilidade prophética do grande general que aos 5 annos foi cadete, e que deu largas mostras de si nas «importantes» batalhas



Suspendei soldados do grande exercito!

A hora da victoria aproxima-se. Ante o altar sagrado da vossa soberania, deponde essas armas. Não procureis manchar as paginas brilhantes do vosso passado, consentindo que o inimigo calque aos vossos pés. Como irmãos que sois, abraçai-vos; e á frente do esquadrão dos livres, plantai o labarum da vossa liberdade. A' victoria! á victoria! O «Cãbrião» vos saúda.



Uni-vos, e uniões terei as corças que devem engrinaldar a frente dos vencedores.
aos pés o glorioso estandarte das liberdades publicas!
a soberania nos bastiões do absolutismo!

em que já figurou n esta provincia, em Minas, Pernambuco e Rio-Grande, e que estão registradas no numero d'aquellas que deram nome immortal aos Fredericos II, aos Napoleões e aos Bismarks.

ESTRADA DE FERRO.—Consta que ante-hontem realisou-se, á final, a abertura da via ferrea de Santos á Jundiahy.

Todos os habitantes de Santos, d'esta capital, e de Jundiahy affirmam-no á uma voz; entretanto o «Cabião» ainda não atreve-se a dar a noticia como certa, porque, á final de contas, é noticia relativa á abertura de estrada de ferro; e sobre isto não basta simplesmente ver para crer: é preciso ver como 100 para affirmar como 10.

Assim pois, somente por estes oito dias o «Cabião» atrever-se-ha a fazer sciente á seus leitores de que a cousa é ou não é viridica.

No ultimo caso, isto é, se realmente abrio-se ante-hontem o transitio da estrada, desde já o «Cabião» felicita e dá parabens á todos os bons paulistas de Santos, S. Paulo, Jundiahy e interior da provincia, pela realisação definitiva de tão portentozo melhoramento.

Ao Povo.

Povo! Este dia é vosso.

Hoje ides depôr no altar da Patria a vossa offerenda sagrada.

Que nenhum máo pensamento vos turbe o coração, que os vossos labios entõem um hymno á liberdade, e a luz que vos cerca, seja a aurora de um bello dia!

Não confundais as loucas mariposas que se abraçam nas chammas, com as borboletas azues que se espanjam á luz do sol!

Povo! Votai pela liberdade. pelo progresso, pela vida, pela luz!

A liberdade é a alma do progresso, o progresso é a alma da sociedade.

Que não penetre no sagrado recyntho, senão o verdadeiro crente, o homem de boa vontade, o patriota, o apostolo da democracia.

Povo! Este dia vos pertence.

Para o vosso solio estão voltados todos os pensamen-

tos, estão fixos todos os olhares, estão estendidos todos os braços!

Pedem graça, supplicam compaixão.

Povo! lembrai-vos que sois grande, que sois forte, que sois soberano.—Fazei justiça.

Recordai-vos do passado, e fitai os olhos no futuro.

O que ides ouvir, é doce como um favo de mel, sonoro como os sons de uma lyra; são as «palavras de um crente.»

« Quando uma arvore está só, é batida pelos ventos, e despojada de suas folhas; e seus ramos em lugar de se elevarem, se abaixam como se procurassem a terra.

« Quando uma planta está só, não achando abrigo contra o ardor do sol, definha, secca e morre.

« Quando o homem está só, o vento do poder o curva para a terra, e o ardor da cobiça dos grandes deste mundo absorve o succo que a nutre.

« Não sejamos, pois, como a planta, e como a arvore que estão sós; porém uni-vos uns aos outros, e apoiavos, e protegei-vos mutuamente.

« Em quanto fordes desunidos, e cada um só cuidar em si, nada mais tendes á esperar do que soffrimento, desgraça, e oppressão.

« Que ha mais fraco que o pardal, e mais inerte que a andorinha? Com tudo, quando apparece a ave de rapina, as andorinhas e os pardaes conseguem repelli-la reunindo-se em torno d'ella, e perseguindo-a juntamente.

« Tomai o exemplo do pardal e da andorinha.

« O temor segue aquelle que se separa de seus irmãos quando elle caminha, senta-se junto d'elle quando repousa, e não o abandona durante seu somno.

« Logo, se vos perguntam:—«Quantos sois?» Respondei:—«Somos um, porque nossos irmãos somos nós, e nós somos nossos irmãos.»

« Deos não fez nem pequenos, nem grandes, nem senhores, nem escravos, nem reis, nem vassallos: fez todos os homens iguaes.

« Mas entre os homens tem alguns mais força, ou de corpo, ou de espirito, ou de vontade, e são estes que procuram sujeitar os outros, quando o orgulho ou a cobiça suffocam n'elles o amor de seus irmãos.

« E Deos sabia que assim seria, e por isso prescreveu aos homens que se amassem, a fim de que fossem unidos, e para que os fracos não cahissem debaixo da oppressão dos fortes.

« Porque aquelle é mais forte que um só, será menos forte que dous; e o que for mais forte que dous, será menos forte que quatro, e assim os fracos nada temerão, quando, amando-se uns aos outros estiverem verdadeiramente unidos.

« Viajava um homem na montanha, e chegou á um lugar onde um grande rochedo, tendo rollado sobre o caminho, o occupava todo, e fóra do caminho não havia outra sahida, nem á esquerda, nem á direita.

« Ora, este homem vendo que não podia continuar a sua viagem por causa do rochedo, procurou movel-o para abrir uma passagem, fatigou-se muito n'este trabalho, e todos os seus esforços forám vão.

« O que vendo, sentou-se cheio de tristeza, e disse: « Que será de mim quando chegar a noute, e me surprehender n'esta solidão, sem alimento, sem abrigo, sem defeza alguma, á hora em que os animaes ferozes sahem para buscar sua preza? »

« E quando estava absorto n'este pensamento, outro viajante chegou, e este tendo feito o que o primeiro fizera, e achando que tinha a mesma impossibilidade de mover o rochedo, sentou-se em silencio, e abaixou a cabeça.

« E depois d'este vieram muitos outros, e nenhum pôde mover o rochedo, e o temor de todos era grande.

« Em fim, um d'elles disse aos outros: « Meus irmãos, oremos á nosso Pae que está nos Céos: talvez que de nós tenha piedade n'este aperto. »

« E estas palavras foram escutadas, e oraram de coração ao Pae que está nos Céos.

« E quando elles tiveram orado, o que dissera « oremos » tambem disse:—Meus irmãos, o que nenhum de nós pôde fazer só, quem sabe se o faremos todos juntos? »

« E elles se levantaram, e todos juntos impelliram o rochedo, e o rochedo cedeu, e elles proseguira em paz sua jornada.

« O viajante é o homem, a viagem é a vida, o rochedo são as miserias que á cada passo se encontram em seu caminho.

« Nenhum homem poderia só levantar este rochedo, mas Deos calculou o seu pezo de maneira que elle não obsta jámais aos que viajam juntos.»

O Não

Terrivel palavra é um «non.» não tem direito nem avesso; por qualquer lado que o tomeis, sempre sóa e diz o mesmo. Lêde-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é «non.»

Quando a vara de Moysés se converteu n'aquella serpente tão feroz que fugia d'ella por que o não mordesse, disse-lhe Deos que a tomasse ao revez, e logo perdeu a figura, a ferocidade, e a peçonha.

O «non» não é assim: por qualquer parte que o tomeis, sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comsigo. Mata a esperanza que é o ultimo remedio que deixou a natureza á todos os males.

Não ha correctivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que o confeiteis um «não», sempre amarga; por mais que o enfeiteis, sempre é feio; por mais que o doureis, sempre é de ferro.

Em nenhuma solfa o podeis pôr, que não seja mal soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza de um «não»?

A mais dura cousa que tem a vida é chegar á pedir, e depois de chegar á pedir, ouvir um «não», vede o que será?

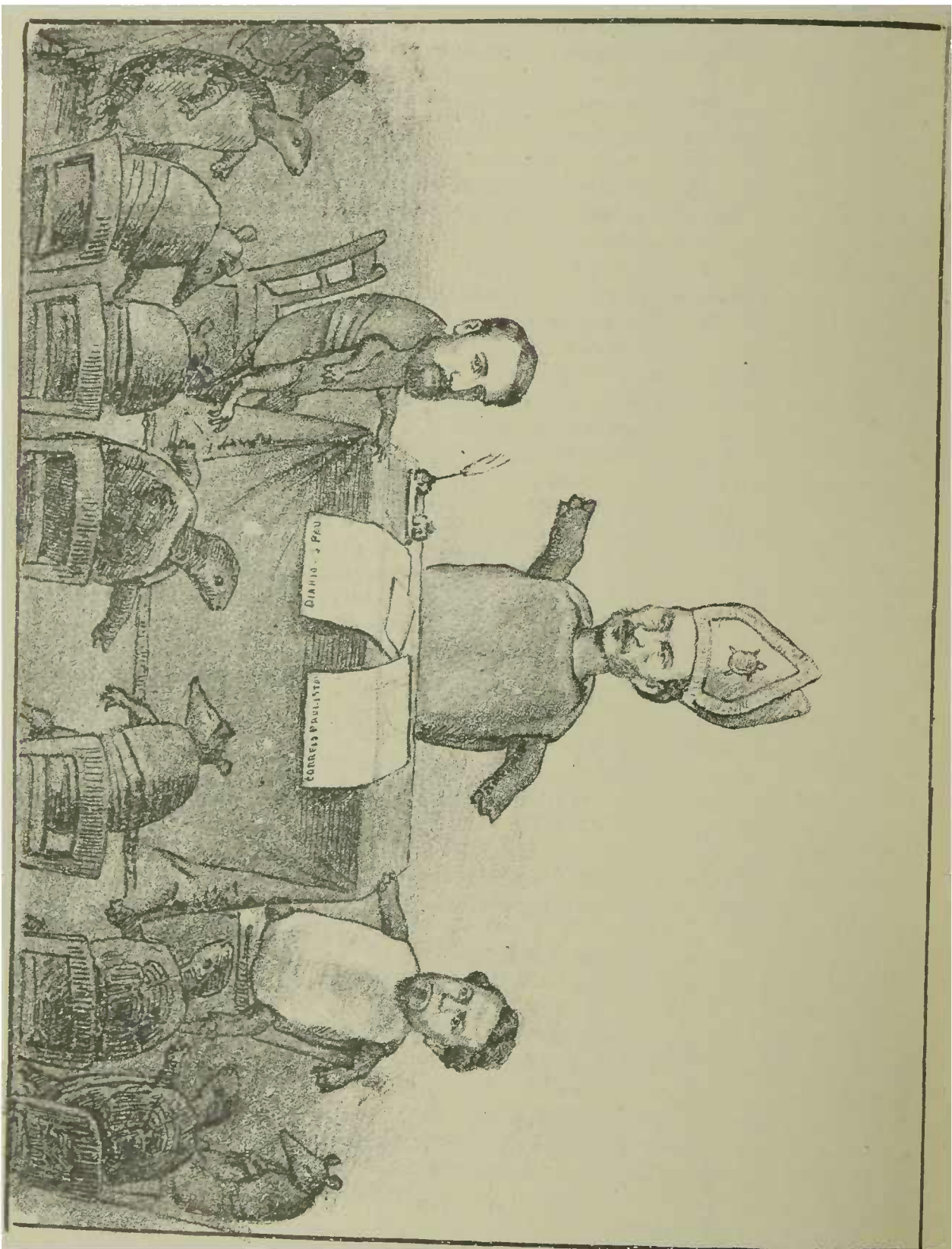
A lingua hebraica que é a que fallou Adão, e a que mais naturalmente significa e declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se pede—«envergonhar a face». Assim disse Bersabé á Solomão; trago-vos senhor, uma petição, não me envergonheis a face.

E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer não á quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua; tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um «não»!

Para a necessidade dura, para a honra affrontosa, e para o merecimento insoffrivel.

AVIZO

Roga-se aos snrs. assignantes do interior, que ainda não satisfizerão a importancia de suas assignaturas, o obsequio de mandal-as satisfaser com toda a brevidade.



Club dos Cascudos.

CHEFE.—Collegas! Trata-se de mim, e por isso peço attenção! Candidato á todas as legislaturas, por caipóra tenho sido sempre derrotado, apezar das tricas de que me sirvo. Agora encartaram-me na chapa de eleitores.....como comvosco. «O odio de partido não deve ser sufficiente para fazer esquecer os serviços, que eu como cidadão tenho prestado á causa do povo.»

JOÃO DAS BEGAS.—Isso publicou o «Correio Paulistano» á «pedido».

CHEFE.—Bem sei, pois eu mesmo sou os «23 votantes da Sé».

ARTISTA DA RENACENTÇA.—Que finório!